

**Intelectuais, narrativas e representação:
a revista do Instituto Histórico Geográfico do Espírito Santo no período de (1916-1930).**

Ticiane Pivetta Costa

Intelectuais, narrativas e representação:

a revista do Instituto Histórico Geográfico do Espírito Santo no período de (1916-1930)

Resumo: Este estudo tem por objetivo analisar a representação de educação que permeava o pensamento dos intelectuais do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, relacionando o pensamento local com o pensamento nacional. Buscamos discutir a relação entre os campos da História e da Educação, considerando, sobretudo, a fundamentação na História Cultural. Para tanto, procuramos compreender a Educação no período de 1916 a 1930. O recorte temporal justifica-se por 1916 ser o ano da fundação do instituto e, 1930 constituiu o encerramento da Primeira República no Brasil. Trata-se de uma pesquisa de Mestrado em Educação que privilegia o contexto da intelectualidade espírito-santense e suas sociabilidades. Assim, parte de questões como: Quem eram os intelectuais? O que pensavam e de que forma suas ideias repercutiam no cenário educacional? Nos textos escritos pelos intelectuais, quais representações se faziam da Escola? A relevância deste estudo está no fato de que sendo a imprensa – neste caso, exemplares das Revistas do IHGES – um rico e diverso material, ela pode nos revelar as múltiplas e diferentes perspectivas e representações que a educação tinha no referido período. A fundamentação teórica está baseada em Catani e Bastos (2002), Chartier (1990), Gomes (1993) e Veiga e Fonseca (2003). Consideramos que investigando a Revista do IHGES, conseguimos compreender que a representação de educação que atravessava o imaginário dos intelectuais do IHGES estava sempre ligada ao progresso, patriotismo e civilidade.

Palavras - chave: Educação. Intelectuais. Representações.

INTELLECTUALS, NARRATIVES AND REPRESENTATION: THE JOURNAL OF THE GEOGRAPHIC HISTORICAL INSTITUTE OF ESPÍRITO SANTO (IHGES) (1916-1930).

98

Abstract: This study aims to analyze the representation of education that permeated the thinking of the intellectuals of the Historical and Geographic Institute of Espírito Santo (IHGES), relating the local and the national thought. We sought to discuss the relationship between the fields of History and Education considering, above all, the foundation in Cultural History. To this end, we tried to comprehend Education from 1916 to 1930. The time frame is justified by 1916 being the foundation year of IHGES, and 1930 the end of the First Republic in Brazil. This is a Master's research in Education (PPGE/UFES) that privileges the context of the intellectuality of Espírito Santo and its sociability. Thus, it departs from issues such as: Who were these intellectuals? What did they think and how did their ideas resonate with the

educational scene? In the texts written by these intellectuals, what representations were made of the school? The relevance of this study lies in the fact that being the press - in this case, IHGES journal issues - a rich and diverse material, it can reveal to us the multiple and different perspectives and representations that education had in that period. The theoretical foundation is based on Chartier (1990), Catani and Bastos (2002), Gomes (1993), Veiga and Fonseca (2003). We believe that by investigating the IHGES Journal, we were able to understand that the representation of education that crossed the imagination of IHGES intellectuals was always linked to progress, patriotism and civility.

Keywords: Education. Intellectuals. Representations.

1 Introdução

A educação sempre esteve interligada às transformações sociopolíticas e econômicas instituídas em cada período histórico. Compreender os meandros dessas conexões não é tarefa simples, pois existem questões (os interesses) pouco explícitas na história, que nortearam práticas políticas as quais influenciam propostas para a educação, em diferentes épocas.

As políticas educacionais no Brasil, como parte das políticas e programas sociais propostos pelo Estado, passaram por diversas alterações ao longo do século XIX e XX. Como exemplo dessas alterações, podemos citar o currículo. Palco de muitas discussões, o currículo sempre esteve na roda de debates e de mudanças ao longo da história. Nesse sentido, compreendemos que diferentes governos pensaram diferentes propostas de âmbito educacional a serem realizadas na sociedade.

O projeto de educação pensado pelo Estado brasileiro em diferentes épocas foi determinante para a manutenção da lógica política e econômica vigente dos grupos dominantes, uma vez que, foram esses grupos, que pensaram a educação no Brasil. Assim, com esta pesquisa, propomos investigar um campo de conhecimento que é a História da Educação. Nesse sentido, trazemos Veiga (2003), que destaca a ideia de que a História da Educação não é uma especialização da História, pois “esse tipo de classificação já foi renunciado pelos historiadores na medida em que se rompeu com a ideia de um método único para a História”.

Nesse contexto, a autora estabelece que a História da Educação deve ser entendida como um campo de investigação, que dê visibilidade aos diferentes objetos e procedimentos

**Intelectuais, narrativas e representação:
a revista do Instituto Histórico Geográfico do Espírito Santo no período de (1916-1930).**

Ticiane Pivetta Costa

metodológicos, bem como aos diferentes sujeitos, deixando de lado a ultrapassada classificação que reunia os documentos em classes ou em grupos respectivos. Baseado em um único método cujo maior objetivo era, apenas, arrumar os documentos sem interrogá-los.

Quanto a isso, Veiga (2003) ressalta que a História da Educação ainda necessita de seus próprios aportes teóricos metodológicos, constitui em um campo de investigação, e não uma especialização da História. Nessa perspectiva, Carvalho (2003, p. 257) esclarece:

É como se da História da Educação não viesse mais aquele ar mofado das gavetas do passado em que as interrogações do presente iam buscar, a reflexão sobre as suas origens ou sobre seus fundamentos. Uma enorme capacidade de renovar temas e instigar o olhar é o que hoje marca a presença da história da Educação no campo da pesquisa educacional.

Dentro desse campo, buscamos compreender a Educação no período de 1916 a 1930, (1916 ano da fundação do IHGES e 1930 o encerramento da Primeira República no Brasil) por intermédio dos intelectuais do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo (IHGES), relacionando o pensamento local com o nacional. Assim, objetivamos recuperar o “espírito de uma época” por meio da compreensão das articulações entre os intelectuais espírito-santenses no período determinado. Procuramos, nesse artigo, compreender a Educação, não institucionalizada, mas a proferida nos textos escritos pelos intelectuais que acreditavam ter um “papel de unificadora, moralizadora, higienizadora e disciplinadora da população local” (LEITE, 2002, p. 84).

Para estudar a Educação no período de 1916 a 1930, por intermédio dos intelectuais locais, foi necessário buscar em que lugar estava localizada essa intelectualidade. Então, voltamos nossos olhares para o IHGES. Criado em 12 de junho de 1916, ele era o espaço social de maior expressão local, onde os intelectuais podiam debater suas ideias e pensamentos. Era um espaço de elite, pois apenas poucos tinham o privilégio de participar. Os intelectuais desejavam criar uma identidade do IHGES, pois seria uma forma de participarem do processo político vigente na época e se colocarem como grupo social dominante. Faziam parte desse

**Intelectuais, narrativas e representação:
a revista do Instituto Histórico Geográfico do Espírito Santo no período de (1916-1930).**

Ticiane Pivetta Costa

seleto grupo social intelectual doutores, farmacêuticos, desembargadores, padres, coronéis, professores, dentre outros¹.

Partimos do pressuposto de que os intelectuais, nesse período, buscavam escrever acerca das ideias de “[...] um Espírito Santo e dos espírito-santenses: o que foi o Espírito Santo, o que é, e o que se tornará? Reconstruções racionais de um passado que pretendiam redimensionar o presente ao imaginar um futuro possível” (LEITE, 2002, p. 58). O estudo do tema educação no contexto da intelectualidade por meio da análise aos exemplares das Revistas do IHGES foi pertinente, pois consideramos que esse tipo de imprensa constitui um essencial, diverso e rico material. E para fazer uma investigação histórica em educação a partir dessas revistas, foi preciso:

[...] sistematizar um conjunto de problemas e definir planos teóricos de abordagem que permitam sua explicação e interpretação; trata-se de compreender as dimensões sociais da educação, ultrapassando uma mera descrição das ideias, das reformas, dos programas e das práticas educativas (CATANI; BASTOS, 2002, p. 15).

Buscamos, com esta pesquisa, o estudo do pensamento da intelectualidade local expresso nessas revistas para compreender as múltiplas perspectivas da educação. Nesse sentido, apoiamo-nos em Catani e Bastos (2002, p. 6-7) que afirmem:

[...] a elaboração de um periódico apela sempre a debates e a discussões, a polêmicas e a conflitos; mesmo quando é fruto de uma vontade individual, a controvérsia não deixa de estar presente, no diálogo com os leitores, nas reivindicações junto aos poderes públicos ou nos editoriais de abertura.

Catani e Bastos (2002, p. 12) entendem que “[...] a imprensa é o lugar de uma afirmação em grupo e de uma permanente regulação coletiva [...]”. Isto posto, optamos para realizar nossa pesquisa, a Revista do IHGES, pois, os intelectuais espírito-santenses, ao fundarem o IHGES e

¹ Podemos citar alguns nomes de professores que se fizeram presentes nesse Instituto: Aristides Brazilliano de Barcelos Freire, Adolpho Fernandes Ribeiro de Oliveira, Eduardo de Andrade Silva, Francisco Rodrigues da Fraga Loureiro, Alonso Fernandes de Oliveira, Arnulpho Martins de Mattos, Amancio Pinto Pereira, Antônio Aunom Sierra, Maria Stella de Novaes, Elpidio Pimentel, dentre outros que, ao longo do tempo, tornaram-se membros do IHGES.

**Intelectuais, narrativas e representação:
a revista do Instituto Histórico Geográfico do Espírito Santo no período de (1916-1930).**

Ticiano Pivetta Costa

sua Revista, estavam tentando se afirmarem como grupo e isso demonstra uma tentativa de buscar um lugar de destaque junto à sociedade. Além de destaque, buscavam ser referências cultural, econômica e, até mesmo, política. A Revista permanece em curso até a presente data.

O recorte temporal (1916-1930) explica-se, primeiramente, pelo fato de que, em 12 de junho de 1916, ocorreu a fundação do IHGES, cujo intuito era de forjar o sentimento de uma identidade nacional, inserida no local. E, para entendermos a finalização temporal em 1930, devemos voltar nossos olhares para o cenário político brasileiro dos anos 1930, que estava sendo demarcado pelo fim da Primeira República e o início do que chamamos de A Era Vargas.

Os desentendimentos se iniciaram quando Washington Luis, em 1929, insistiu em “quebrar” a regra do pacto efetuado entre São Paulo e Minas Gerais em relação em relação a indicação do Presidente da República [...] Os acontecimentos que se seguiram resultou [sic] no movimento conhecido como Revolução de 30, que foi deflagrado a 03 de outubro no Rio Grande do Sul, conduziu Getúlio Vargas ao poder [...]. O novo governo tratou de centralizar em suas mãos tanto as decisões econômico-financeiras, como as de natureza política, passando assim a arbitrar os diversos interesses em jogo (ROSTOLDO, 2007, p. 17).

Como se trata de uma pesquisa no âmbito da História da Educação, utilizamos o método histórico, crítica interna e externa das fontes, com fundamentação na História cultural. Para tanto, foram eleitas categorias de análise a partir das fontes levantadas.

[...] a pesquisa traz consigo, inevitavelmente, uma carga de valores preferências, interesses e princípios que orientam o pesquisador. Claro está que o pesquisador [...] irá refletir em seu trabalho de pesquisa os valores, os princípios considerados importantes naquela sociedade, naquela época (LUDKE; ANDRÉ, 1986, p. 03).

As revistas do IHGES nos mostraram a localização da intelectualidade espírito-santense. Assim, após conseguir identificar o local em que estavam os intelectuais capixabas e onde escreviam e editavam, buscamos, nessa revista, a concepção de Educação expressa por eles no período de 1916-1930, tentando refletir, então, as representações que estavam presentes no processo da construção das identidades do grupo, nesses espaços de sociabilidades: o IHGES e sua Revista. Para compreender o que pensavam os intelectuais do IHGES sobre a Educação, relacionando os pensamentos local com o nacional, o referencial teórico partiu de um diálogo

com a História Cultural que permitiu estudar os espaços de sociabilidades dos intelectuais e suas concepções no que tange à educação, pois a imprensa é um veículo “[...] para apreender a multiplicidade do campo educativo [...]” (CATANI; BASTOS, 2002, p.12).

Educação e História Cultural

Uma das interrogações que se tem atualmente é: Qual é o lugar da História da Educação? Essa pergunta vem sendo feita por alguns pesquisadores da Educação. Várias produções acerca da problematização da educação em diferentes tempos, espaços, temas, sujeitos, fontes, abordagens e metodologias vêm sendo produzidas. Veiga (2003, p.19) descreve que “[...] a educação é um campo de investigação da história e não uma ‘especialização’ da história”. E se a educação é um campo de investigação da história, qual a sua relação com a História Cultural?

Segundo Chartier (1990, p. 17-18) “História Cultural, tal como a entendemos, tem por principal objecto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos, uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler”. Pesavento (2005, p. 42), por sua vez, afirma que a “[...] proposta da História Cultural seria, pois, decifrar a realidade do passado por meio de suas representações, tentando chegar àquelas formas discursivas e imagéticas, pelas quais os homens expressam a si próprios e o mundo”.

Outra reflexão acerca da História Cultural diz que [...] o estudo dos comportamentos coletivos, das sensibilidades, das imaginações, dos gestos a partir de objetos precisos, tais como os livros e as instituições de sociabilidades [...]” (FONSECA, 2003, p. 54). Baseando-se nas concepções de Chartier, Pesavento e Fonseca sobre História Cultural, buscamos compreender a concepção de Educação por meio dos intelectuais do IHGES. Trouxemos à tona, como a intelectualidade buscou criar uma identidade, legitimando seu poder, fundando uma elite que possuía um *status* e defensores de uma ideia de que eles seriam os propagadores do progresso da República Brasileira. “No Brasil dos anos 20, os projetos dos intelectuais eram inseparáveis da vontade de contribuir para fundamentar o cultural e o político de uma

**Intelectuais, narrativas e representação:
a revista do Instituto Histórico Geográfico do Espírito Santo no período de (1916-1930).**

Ticiane Pivetta Costa

forma diferente”. (PÉCAUT, 1990, p. 22). Podemos ainda citar que “Essa tomada de consciência das raízes culturais não excluía a intervenção do intelectual no sentido de fazer o povo ingressar na era da civilização” (PÉCAUT, 1990, p. 39).

Diante do explicitado, verificamos uma vontade dos intelectuais de criar um espaço para si na sociedade republicana vigente na época, bem como estabelecia condições de expandir suas ideias, tanto no âmbito cultural quanto no político, para então levar a “civilização” ao povo. Para dialogar sobre os intelectuais, trazemos para o debate Gomes (1993, p. 64), que nos orienta:

Conhecer um certo meio intelectual em determinado momento e espaço implica obrigatoriamente conhecer esta dimensão organizacional, que não é aleatória aos significados contidos em uma dada interpretação da realidade social. A linguagem mais corrente utiliza o termo "rede" para definir os vínculos que reúnem o "pequeno mundo" intelectual. A história dos intelectuais vem consagrando o uso da noção de sociabilidade.

~~Aqui, a ideia parte de~~ que todo grupo de intelectuais se vinculam sempre em redes de sociabilidades. Sobre essas redes Gomes (1993, p. 64) esclarece que elas são entendidas como um “grupo permanente ou temporário, qualquer que seja seu grau de institucionalização, no qual se escolha participar”.

Assim, pertencer a um determinado grupo social é estar presente dentro dessas redes de sociabilidades. O IHGES é, portanto, um desses espaços sociais. Panizzolo (2006, p. 47) confirma isso, nos mostrando que “[...] os percursos intelectuais são desvelados e desvendados por meio do mapeamento das instituições por onde o intelectual tenha passado, de suas filiações intelectuais, de suas redes de sociabilidades, da análise das obras produzidas e proferidas”.

Portanto, o IHGES e sua revista representavam um espaço de sociabilidade da intelectualidade espírito-santense. Mapear esse espaço é buscar entender quais eram as ideias que circulavam por esse grupo. “Salões, cafés, Casas editoras, academias, escolas, revistas, manifestos e mesmo a correspondência de intelectuais são lugares preciosos para a análise do movimento de fermentação e circulação de ideias” (GOMES, 1993, p. 65)

**Intelectuais, narrativas e representação:
a revista do Instituto Histórico Geográfico do Espírito Santo no período de (1916-1930).**

Ticiane Pivetta Costa

A revista e o próprio IHGES constituíam um espaço de representação de grupo, produto de uma determinada sociedade, localizada em um determinado tempo e espaço histórico, cujo os intelectuais buscavam criar uma identidade de si.

A Revista do IHGES e os Intelectuais

Como este trabalho debruçou-se sobre a Revista do IHGES, faz-se necessário falar dela um pouco mais. A revista foi idealizada e organizada pelos mesmos promotores da ideia fundadora do Instituto: Dr. Antônio Francisco de Athayde, Dr. Carlos Xavier Paes Barreto e o farmacêutico Archimimo Martins de Mattos. Como via de acesso aos trabalhos e estudos do IHGES, ela foi testemunhada atividades desenvolvidas pelo Instituto, constituindo-se numa fonte rica e abundante de notícias e documentos para a formação da história do Espírito Santo, podendo-se, nela, reconhecer o próprio Instituto, sem o qual não teria vida.

O IHGES constituía um espaço de sociabilidade da intelectualidade local, que acreditava que “cultivando as tradições” retomava o passado, direcionava o presente e pensaria em um futuro promissor e moderno. Mais do que um lugar instituído, os intelectuais precisavam compartilhar suas leituras, suas críticas e seus questionamentos; discutir novas iniciativas; escrever sobre História, Geografia, heróis e mitos; estudar, contar, partilhar e registrar fatos e acontecimentos do passado e, assim, divulgar os novos valores, as novas ideias que levariam a sociedade a um novo momento, mais moderno, mais atual. Para isso, o IHGES lançou, em 1917, a “Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo”, cujo objetivo foi enaltecer a cultura local, imortalizar os que ali estavam associados, criar e preservar uma memória identitária.

É importante lembrar que, como intentou Leite (2002), a Revista era escrita pelos intelectuais e consumida por eles mesmos. Isso demonstrou a intenção de se firmar um grupo intelectual e criar uma identidade para si. A mais antiga publicação desse gênero, a Revista apresentou-se, na sua fundação (1917), com a seguinte capa: o símbolo que apresenta o desenho

**Intelectuais, narrativas e representação:
a revista do Instituto Histórico Geográfico do Espírito Santo no período de (1916-1930).**

Ticiane Pivetta Costa

do Convento da Penha, monumento histórico capixaba e a sigla IHGES, sempre acompanhados da frase de Natividade Saldanha, um dístico sobre a importância de os jovens brasileiros seguirem os heróis, exemplos que devem ser imitados. A mudança da capa só ocorreu a partir do número 63.

Após o registro junto à Biblioteca Nacional, como periódico científico, a Revista ganhou visual novo, mas a média de páginas nunca se manteve homogênea. O exemplar nº. 1 saiu com 42 páginas e o nº. 2 foi editado com 16 páginas. A formatação e a organização também variavam muito. Às vezes, a Revista tinha sumário; outras vezes, o índice aparecia no final. Nada padronizado, a não ser a capa. Os textos publicados na Revista restringiam-se à divulgação das atividades do IHGES e à produção de seus consócios.

A distribuição das matérias seguia um padrão, com temas bem variados, tratando da história do Espírito Santo, dos heróis, dos vultos notáveis, de biografias, de Geografia, como divisas entre o estado de Minas Gerais e Espírito Santo, de Antropologia, de Literatura e de eventos ocorridos no Estado. Havia, também, outros registros, como datas históricas memoráveis aos olhos dos sócios do IHGES, notícias sobre as atividades da instituição, atas das sessões ocorridas na sede do Instituto, divulgação de seu Estatuto, entre outras informações. Às vezes, um único número discorria sobre o mesmo assunto, com diferentes autores e opiniões. É o caso do primeiro número, dedicado a explicar a escolha do seu Patrono Domingos José Martins².

Em relação às imagens, a Revista publicou um amplo e considerável material, sendo boa parte dele fotos de pessoas, principalmente dos próprios sócios do Instituto, e eventos ocorridos no estado, como também desenhos de mapas demonstrando limites territoriais. Algumas vezes, as imagens dialogam com o texto escrito nas colunas da revista; outras, não.

² Domingos José Martins é capixaba e nasceu no dia 9 de maio de 1781 em uma fazenda, chamada na época de Caxangá, pertencente ao município de Itapemirim. Atualmente, localiza-se no município de Maratáizes. Participou como um dos líderes do movimento historiográfico conhecido como Revolução Pernambucana, ocorrido no ano de 1817, na capitania de Pernambuco. Foi um movimento de caráter emancipacionista e republicano. O intelectual foi derrotado, preso e fuzilado no dia 12 de junho de 1817, no Campo da Pólvora, hoje conhecido Campo dos Mártires, na Bahia.

**Intelectuais, narrativas e representação:
a revista do Instituto Histórico Geográfico do Espírito Santo no período de (1916-1930).**

Ticiania Pivetta Costa

Quanto aos recursos para a edição da Revista, os primeiros números foram custeados pelo próprio Instituto ou por seus membros, como explica Neves (2003, p. 57), “[...] em que pese ao fato de os segundo e terceiro números terem sido publicados nas Oficinas da Imprensa Estadual. Após a segunda interrupção na publicação, de 1927 a 1934, o retorno da Revista já se deu naquele ano sob subvenção oficial do Estado do Espírito Santo”.

Dentro do IHGES existiram aqueles que se destacaram mais como Carlos Xavier Paes Barreto, Antônio Athayde, Arthur Lourenço de Araújo Primo, Adolfo Fraga, Archimimo Mattos e Alarico de Freitas, considerando a frequência de textos publicados na Revista. No entanto, muitos outros se fizeram presentes tanto no instituto quanto na Revista. A Revista era direcionada a um público específico: os próprios colaboradores e sócios, efetivos e honorários, do Instituto, ou seja, os próprios membros do IHGE, configurando isso uma escrita de si, uma espécie de produção do “eu”, para seu registro e autopromoção. A publicação representava, também, um espaço de sociabilidade, no qual os intelectuais intentavam construir uma determinada realidade, assim como sua própria identidade intelectual. Portanto, escrever na Revista significava, para os intelectuais, inscrever-se e identificar-se na história espírito-santense. Por isso,

[...] toda essa documentação de “produção do eu” é entendida como marcada pela busca de um “efeito de verdade” – como a literatura tem designado –, que se exprime pela primeira pessoa do singular e traduz a intenção de revelar dimensões “íntimas e profundas” do indivíduo que assume sua autoria. Um tipo de texto em que a narrativa se faz de forma introspectiva, de maneira que nessa subjetividade se possa assentar sua autoridade, sua legitimidade como “prova”. Assim, a autenticidade da escrita de si torna-se inseparável de sua sinceridade e de sua singularidade (GOMES, 2004, p. 14-15).

Por se tratar de uma escrita de “si mesmo”, a Revista nos levou a perceber os detalhes de qual era a concepção que os intelectuais possuíam de si, como eles “se davam a ler” e como se apresentavam. Isso representou, então, a formação de uma identidade local, dado que, ao escreverem na Revista, os intelectuais legitimavam uma maneira específica de ser e de pensar

**Intelectuais, narrativas e representação:
a revista do Instituto Histórico Geográfico do Espírito Santo no período de (1916-1930).**

Ticiane Pivetta Costa

num determinado espaço social, criado por eles mesmos. Estudar a circulação das ideias no meio intelectual, portanto, foi o que nos levou a esta pesquisa. Segundo Hruby (2007, p. 19),

num contexto mais amplo, produzidas a partir de instituições criadas para fomentar os estudos sobre o passado das Nações, seja em Academias literárias ou Universidades, as *revistas históricas* preencheram uma função decisiva na elaboração e na manutenção de paradigmas, modelos e padrões.

Partindo do princípio de que as revistas históricas tiveram a função de manter paradigmas e padrões em uma sociedade, a Revista do IHGES não fugiu desse ideal. Cumpriu o seu papel na sustentação de um modelo no Estado do Espírito Santo que, segundo os integrantes do Instituto, era o ideal. Enaltecendo valores patrióticos, o Instituto e seus membros rapidamente se moveram em direção à missão de conduzir o povo à civilização, por isso se debruçaram sobre o passado buscando as bases desse objetivo, instinto, vocação missionária que já se fazia presente em nível nacional, abraçado pelos intelectuais espírito-santenses.

De fato, nos textos analisados na Revista do IHGES, a palavra *civilização* aparece com muita recorrência, como se pode perceber abaixo:

O culto cívico prestados aos nossos heroes, constitue serviços relevantissimos que beneficiam a comunhão, desenvolvendo a educação moral do povo pela glorificação ao passado – que é o nosso guia e é o nosso mestre (ATHAYDE, 1922, p. 11).

O culto cívico e a glorificação dos heróis do passado, aqueles de caráter e moral incontestáveis, são práticas que elevariam e levariam o povo ao desenvolvimento e à prosperidade tão desejados. O patriotismo também caracterizaria um país civilizado: somente um país cujos moradores possuem valores patrióticos pode ser considerado civilizado, desenvolvido e moderno. “O amor á terra tem os seus estádios: - começa na casa, na villa, na cidade, no municipio, no Estado e vae á Patria [...], transpondo fronteiras, difundindo-se por todos os paizes civilizados e unindo-os todos, civica e religiosamente, pela fraternidade humana em toda Terra” (ATHAYDE, 1922, p. 11).

**Intelectuais, narrativas e representação:
a revista do Instituto Histórico Geográfico do Espírito Santo no período de (1916-1930).**

Ticiano Pivetta Costa

Os princípios considerados pilares para o progresso de um país estão bem presentes nos discursos proferidos pelos membros do IHGES: rememorar sempre a pátria e os heróis espírito-santenses que morreram em nome de um ideal patriótico. Conforme explicitado, a Revista do IHGES é marcada por algo muito reservado: a escrita dos intelectuais que falam de “si mesmos”. E considerando essa escrita um produto cultural, e esse como um sistema que possui significação direta na produção de identidades, reconhecemos que, “Na ausência da academia, a Revista era, dessa forma, o espaço de identidade de uma intelectualidade que criava e mantinha estratégias legitimadoras do saber produzido e das relações de poder interiores ao grupo” (LEITE, 2007, p. 191).

Verifica-se, ainda, nessa escrita, um esforço de conversão do povo por meio de bons exemplos. A respeito desse momento histórico, podemos dizer que havia um interesse dos intelectuais do IHGES em realizar um projeto de civilizar, pelo qual almejavam intervir, mudar e moldar os modos de ser, de viver e de pensar do povo. Ordem e progresso eram promessas que se realizariam nos anos iniciais da República, o que demonstra a representação de si e a da própria educação que os intelectuais desejavam. Tratando em seus textos de “amor à pátria” e “países civilizados”, imprimiam uma maneira específica de ser e de pensar a sociedade. Esse era o modo pelo qual os intelectuais do IHGES “se davam a ler”.

Para executar a obra de civilização, o interesse dos intelectuais espírito-santenses, que acreditavam salvar, moralizar e civilizar os “incivilizados”, voltou-se para uma educação sempre ligada ao patriotismo, ao civismo e ao progresso, e a pedra angular desse pretensioso projeto civilizador era a educação do povo. A representação dessa educação se deu por meio da construção de uma identidade intelectual local, isto é, no espaço de sociabilidade, o IHGES e sua Revista instituíram uma identidade que representava sua maneira de pensar. É relevante anotar que, para esta pesquisa, buscamos uma compreensão da educação além da institucionalizada, incluindo aquela proferida nos textos escritos pelos intelectuais do IHGES, onde encontramos o desenvolvimento de diversos temas, já que o IHGES tinha seu interesse voltado para o registro e a documentação da história do Espírito Santo. Nosso olhar, entretanto, mobilizou-se para a questão educacional do povo.

**Intelectuais, narrativas e representação:
a revista do Instituto Histórico Geográfico do Espírito Santo no período de (1916-1930).**

Ticiane Pivetta Costa

No que se refere à educação, para os intelectuais do IHGES, os questionamentos que sobressaíam eram aqueles que propunham determinar quais os possíveis caminhos para que o país e o Estado pudessem ingressar no movimento de modernidade, progresso e civilização. Para essa missão civilizadora, os intelectuais buscaram dar ênfase aos cultos e aos heróis espírito-santenses, tendo em vista que, ao se dedicarem a uma causa patriótica, seriam considerados “obreiros beneméritos”, palavra utilizada para qualificar os “heróis” do passado, que deveriam ser lembrados, homenageados e seguidos como exemplos.

Povo, sem interesse pelo seu sagrado patrimônio; povo, que não fundamenta as suas esperanças no pedestal de glórias do passado; povo, que lhe accende n'alma, a saudade infinita por essa legião profunda de obreiros benemeritos que desapareceu objectivamente, cuja lingua em que falamos, é o maravilhoso instrumento, é o opulento legado, é o monumento incomparável de sua sabedoria; povo, indiferente a tudo isso é um povo infeliz, que agonisa, que se degrada, que se dissolve pela incapacidade moral, pela ignorancia e pela indignidade de seus filhos! (ATHAYDE, 1922, p. 12).

É evidente a intenção de exprimir que um povo sem patriotismo e sem civismo é um povo ignorante, sem cultura e sem conhecimento assim, um povo que não demonstra amor por seus heróis do passado é indigno e indiferente, por isso se degrada, moralmente.

Considerações Finais: Os “Obreiros Beneméritos”

Para a criação do IHGES no ano de 1916, escolheu-se justamente o dia 12 de junho, data em que se comemora o herói espírito-santense Domingos José Martins, que participou da Revolução Pernambucana de 1817. Comemorar-se-ia, no ano da fundação da Revista do Instituto, o centenário da Revolução. Não foi, portanto, uma data escolhida eventualmente, mas, uma oportunidade de dar fundamentos cívicos e patrióticos, desde o seu estabelecimento, a esse espaço institucional e social, conforme constata-se na Ata de Fundação do Instituto:

Aos doze dias do mez de junho do anno de mil novecentos e dezeseis, em uma das salas do edificio do Congresso Legislativo do Estado do Espírito Santo,

**Intelectuais, narrativas e representação:
a revista do Instituto Histórico Geográfico do Espírito Santo no período de (1916-1930).**

Ticiane Pivetta Costa

cedida para a fundação e a sédeprovisoria de uma associação destinada ao estudo da historia nacional de da geographia, especialmente no que se referisse ao Estado do Espirito Santo...

Abrindo a sessão, o Snr. Presidente convidou o representante de S. Exa. O Snr. Presidente do Estado a ocupar o lugar de honra e, em seguida, deu a palavra ao orador, Dr. Carlos Xavier, que produziu longo e eloquente discurso, no qual expoz o fim da reunião, declarando que dois motivos tinham em vista os subscriptores do convite para ella: o de promover a fundação de um gremio que se destinasse ao estudo de geographia e de história do Brasil e especialmente do Espírito Santo, e o de tratar da commemoração da gloriosa data republicana cujo centenário passará decorrido apenas mais um anno; descreveu a revolução de 1817 e o papel que nella tivera Domingos Martins [...] (PRIMO, 1917, p. 3).

Nesse texto de Arthur Lourenço de Araújo Primo, é notório que a criação e a valorização de um herói espírito-santense seriam algo imprescindível, tendo em vista ser necessário ter-se alguém como referência e que se distinguisse por seu valor e por suas ações extraordinárias, principalmente por seus feitos brilhantes em nome da pátria.

Assim, encontramos, em todo o n.º. 1 da Revista, a afirmação de Domingos Martins como herói espírito-santense, por ter nascido no Espírito Santo e ter participado da Revolução Pernambucana de 1817. Todos os associados que ali escreveram referiram-se a Domingos Martins e sua importância inigualável, sua destreza e sua elevada contribuição à nação. Defender a pátria a qualquer custo era algo que deveria ser inculcado ao povo. “De seus companheiros de Pernambuco, uns com as mãos cortadas e amarrados á cauda de cavallos, outros soffrendo os mais atrozes supplicios; todos mostravam que acima de tudo estava a defesa da Patria” (BARRETO, 1917, p. 11).

Resguardar e amar a pátria e ter hábitos e atitudes civis compatíveis as desse herói emártir era um argumento muito forte e um dispositivo eficaz para o alcance dos objetivos desejados pelo grupo intelectual: controle da estrutura social bem como o ensino da civilidade. Portanto, por ser um grupo, os intelectuais formavam uma comunidade de interpretação que, ao compartilhar um mesmo espaço social, construíram uma determinada realidade e sua própria identidade intelectual. “O Espirito-Santo deve zelar pelas glorias desse ilustre compatricio que,

**Intelectuais, narrativas e representação:
a revista do Instituto Histórico Geográfico do Espírito Santo no período de (1916-1930).**

Ticiane Pivetta Costa

aliás não foi o unico da familia. Seu irmão André Martins também prestou serviços ao movimento sendo preso a primeiro de Junho de 17” (BARRETO, 1917, p. 11).

No texto acima, escrito por Carlos Xavier Paes Barreto, na Ata de Fundação do IHGES, fica evidente a manifestação de que não somente um membro da família, mas até mesmo seu irmão estaria também comprometido com a pátria. Para os intelectuais, que teriam nesse momento a missão de civilizar o povo, essa demonstração de que vários descendentes de uma mesma família se entregaram a uma causa patriótica era algo excepcional e essencial para pôr em ação essa incumbência.

É certamente admissível esse empenho dos intelectuais espírito-santenses, buscando, a todo instante, um modelo que legitimasse seu poder de missionários transformadores e redentores da sociedade. Sendo uma comunidade interpretativa, a utilização de recursos que exaltavam a pátria era a base legal de sua atividade, que objetivava instruir e até mesmo converter o povo.

A seguir, averiguamos um soneto escrito por Domingos Martins, produzido na prisão antes de ser executado, dedicado à sua esposa e à pátria, transcrito na Revista nº. 1:

Soneto do Patriota

Meus ternos pensamentos, que sagrados
Me fostes, quasi a par da liberdade
Em vós não tem poder a iniquidade;
A’ esposa voae, narrae meus fados.

Dizei-lhe que nos transes apertados,
Ao passar desta vida á eternidade,
Ella d’alma reinava na metade
E com a patria partia-lhe os cuidados.

A patria foi o meu numen primeiro,
A esposa depois o mais querido
Objecto do desvelo verdadeiro;

E na morte entre ambas repartido,
Será de uma o suspiro derradeiro,
Será de outra o ultimo gemido (OLIVEIRA, 1917, p. 19).

**Intelectuais, narrativas e representação:
a revista do Instituto Histórico Geográfico do Espírito Santo no período de (1916-1930).**

Ticiane Pivetta Costa

Nesses versos, é possível reconhecer os dispositivos legais utilizados para o ensinamento e formação da população, em geral: “[...] a pátria foi meu primeiro número”, “pensamentos sagrados da liberdade”, “a vida eterna está aos cuidados da pátria”, e por ela Domingos Martins soltou seu último e derradeiro suspiro.

Os intelectuais do IHGES, na condição de grupo consensual, granjeavam meios para se inscreverem na história do Espírito Santo e se autopromoverem. E esse poema, visava à valorização de um herói, era importante para sua missão no Espírito Santo: educar a população por meio de atitudes e virtudes cívicas. A representação da educação que permeava o imaginário dos intelectuais do IHGES era baseada na valorização do civismo e das atitudes heroicas e patrióticas.

Na Revista nº. 1, na qual todos os sócios escreveram recordando e exaltando Domingos Martins como grande herói espírito-santense, a ideia aponta para uma escrita que visa à educação fundada em valores cívicos. No texto “Relíquia Preciosa”, escrito pelo Prof. Amâncio Pereira, também sócio efetivo do IHGES, discorre-se sobre a memória de Domingos Martins, que é como uma relíquia preciosa que deve ser guardada e lembrada.

Relíquia Preciosa

Sejam demonstrações cívicas que se realizam no dia de hoje o mais eloquente testemunho de que no coração brasileiro, qual amphora estimativa, guarda-se com carinho, affecto e admiração, na altura de uma relíquia preciosa, a memória do grande Vulto Histórico Domingos José Martins, o Herói que na manhã de 12 de Junho de 1817, no Campo dos Martyres, no glorioso Estado bahiano, com aquella coragem espartana, admirável enfrentou seus algozes a mando do rei, representado pelo conde dos Arcos, deixando irromper dos lábios, no lúgubre momento de seu holocausto, essas magistraes palavras que valem por um poema vibrante de sua alma de patriota: “Vinde executar a ordem de vosso sultão, mas ficai sabendo que morro pela liberdade!”

E foi justamente por ella, esse ideal santo e digno que esposou com inabalável crença, com a mais viva fé de cumprir um dever de homem cidadão, que ellefizera-se Apostolo convicto, indo até o sacrificio que lhe foi imposto, como premioá sua tenacidade invejável, a seu acendrado amor á consumação varonil causa da IndependenciaPatria!

Recordemol-asempore com amor cívico (PEREIRA,1917, p. 26).

**Intelectuais, narrativas e representação:
a revista do Instituto Histórico Geográfico do Espírito Santo no período de (1916-1930).**

Ticiane Pivetta Costa

Apontamos para o texto do Prof. Amancio Pereira, que exalta Domingos Martins como uma relíquia preciosa, como um grande herói que, com sua “coragem espartana”, enfrentou os carrascos do rei e morreu pela liberdade. Um legado opulento cujo objetivo é saudar e rememorar as obras beneméritas que o herói nos deixou. Até mesmo os títulos dos discursos da Revista nº. 1 são sugestivos e indicativos a essa ideia de herói apóstolo da liberdade, que defendeu a pátria com sua vida:

- Culto Publico A glorificação de Domingos Martins” – autor Dr. Antônio F. Athayde;
- A historia da Revolução de 1817” – autor Dr. Marcilio Teixeira de Lacerda;
- Historia da Revolução de 1817”, de Muniz Tavares – texto escrito por Dr. Carlos Xavier Paes Barreto;
- Vultos e factos da revolução de 17” – texto escrito por Dr. Carlos Xavier Paes Barreto;
- Ramificações e antecedentes da Revolução” – texto escrito por Dr. Carlos Xavier Paes Barreto;
- Caracter dos revolucionários” – texto escrito por Dr. Carlos Xavier Paes Barreto.

É bem nítida a figura de Domingos Martins como herói espírito-santense. Como a representação de educação dos intelectuais do IHGES permeava a invocação do modo patriótico de “heróis”, escrever sobre tais: que “derramaram seu sangue generoso”, “que morreram pela liberdade” seria a maneira de fazer menção ao modelo educacional idealizado pelos intelectuais do IHGES, que era uma maneira própria de interpretar e representar a realidade que os cercava.

Além de Domingos Martins, escolhido como obreiro benemérito para o Espírito Santo, outras pessoas também foram intituladas como heróis, pois também se entregaram a uma causa justa — a pátria. No texto escrito por Antônio Athayde, em comemoração ao 7 de setembro e em sua posse de presidente e orador honorário, encontramos:

D. Pedro I apoiado no caráter do Patriarcha, seu primeiro ministro, não duvidou em dar a 7 de setembro de 1822, o grito vibrante que todos repetiram, nós repetiremos a prosperidade repetirá sempre: Independencia ou morte.O Patriarcha soube realizar seu ideal: foi um estadista previdente, agindo no sentido das aspirações nacionais (ATHAYDE,1922, p. 12).

**Intelectuais, narrativas e representação:
a revista do Instituto Histórico Geográfico do Espírito Santo no período de (1916-1930).**

Ticiane Pivetta Costa

Outro exemplo de patriotismo é a figura de D. Pedro I que, segundo Antônio Athayde, sócio do IHGES, “[...] declarou a Independência do Brasil e agiu de acordo com as aspirações nacionais”. Isso tudo aconteceu em benefício do progresso moral e material do povo brasileiro. Na exaltação da figura de D. Pedro I, havia o propósito de inspirar ao povo e nas futuras gerações, o ideal de educação, espelhando-se, para isso, em homens públicos de boa índole, de bom caráter, que se entregam e se doam pela pátria, seu amor maior.

D. Pedro II também foi lembrado com muitas glórias patrióticas. Enaltecendo a sua personalidade, comemorou-se, no IHGES, o centenário de seu nascimento. Adolfo Fraga (primeiro-secretário naquela época), num texto intitulado “D. Pedro II”, escreve:

Em sessão ordinária de desenove de julho deste anno, ficou resolvido o Instituto Historico prestar á augusta memoria do magnânimo Imperador do Brasil, D. Pedro II, homenagens civicas na data do centenário do seu nascimento. Incontrastável dever que nos assiste, foi com applauso unanime da assembléa, que se deliberou homenagear a memoria de vulto inconfundivel, daquelle que acima de tudo collocou os interesses do paiz, salvaguardando-lhe a soberania, honrando-lhe o nome na sabia directriz que a sua politica traçou (FRAGA, 1925a, p.36).

Educar por meio de modelos, sistema do qual se tirava proveito de todas as atitudes nacionalistas e patrióticas ali descritas, era a maneira pela qual os intelectuais forjaram uma ideia de educação, sendo essa um bom método (particular) de fazer o povo melhorar e educar-se para o progresso. A representação da educação que os intelectuais do IHGES faziam era também a deles próprio porque, na medida em que eles se faziam presentes em uma comunidade interpretativa, poderiam estabelecer uma determinada identidade intelectual que, por sua vez, repassaria a sua própria representação. Frei Pedro Palácios não ficou esquecido. No texto de Fraga (1925b, p. 3), “O Centenário da Independência”, assim constava: “no dia oito de setembro desse anno de mil novecentos e vinte e dois, em cumprimento ao programa traçado, o Instituto Histórico levou a effeito a romaria cívica á Gruta Pedro Palacios, em a visinha cidade do Espirito Santo”.

**Intelectuais, narrativas e representação:
a revista do Instituto Histórico Geográfico do Espírito Santo no período de (1916-1930).***Ticiania Pivetta Costa*

Uma romaria cívica. Essa frase consegue contemplar os itens pelos quais se daria, segundo os intelectuais do IHGES, a persuasão do povo: uma peregrinação religiosa na qual grande número de pessoas afluí para um mesmo lugar e, ao mesmo tempo, cívica, que concerne ao cidadão as virtudes nacionalistas e patrióticas. Essa era a ideia de educação que atravessava o imaginário dos intelectuais espírito-santenses: uma educação cívica e irrefutável. O povo deveria espelhar-se nos heróis patrióticos, escolhidos por suas boas atitudes cívicas.

A análise dos textos dos intelectuais do IHGES permitiu compreender, igualmente, como a preocupação nacionalista das elites missionárias, de plasmar o povo segundo sua concepção do que seria progresso e modernidade, esteve também presente no Espírito Santo. Os intelectuais do IHGES, imbuídos dessa causa cívica e patriótica, idealizaram uma educação modelar para o povo espírito-santense. Carlos Xavier Paes de Barreto, orador do Instituto no ano de 1917, na Ata de Fundação, deixou claro os objetivos do Instituto: “[...] será aqui recebido com ufania, um instituto que, cultivando as nossas tradições, revivendo feitos que nos toquem na fibra patriótica, entoando preces à religião do civismo, venha, cada vez mais, por em relevo [...] o glorioso pedaço de terra brasileira [...]” (BARRETO, 1917, p. 7).

Portanto, criado para cultivar as tradições do Estado, os atos patrióticos seriam sempre colocados em evidência, para exaltar “[...] o glorioso pedaço de terra brasileira”, nesse caso, o Espírito Santo. Segundo Carvalho (2003, p. 93),

a amorfia atribuída ao “povo” brasileiro não dimensiona, apenas, o papel diretor a “elites” mas, com ele, o próprio espaço delineado para a ação educacional. Obra de modelagem, a educação era o instrumento com que contavam tais “elites” para unificar, disciplinar, moralizar, homogeneizar e hierarquizar as populações brasileiras, com vistas à efetivação de um particular projeto de sociedade.

Por um lado, é possível entender por que os intelectuais do IHGES se serviram da educação, pois ela configurava-se como a ferramenta ideal para moldar, “[...] unificar, disciplinar, moralizar, homogeneizar e hierarquizar” o povo. Educar e moldar o povo por meio do ensinamento de virtudes cívicas e morais fortaleceria o caráter do futuro indivíduo e cidadão. Por outro, inflamar o civismo como meio de educar o povo significava reconhecer o amor pela

**Intelectuais, narrativas e representação:
a revista do Instituto Histórico Geográfico do Espírito Santo no período de (1916-1930).**

Ticiane Pivetta Costa

pátria, o amor pela “terra natal”, no caso, o estado do Espírito Santo, com um visível grau de orgulho em suas realizações históricas. Tributar honras e glórias a patriotas do passado seria, portanto, uma maneira notável de demonstrar essa ufanía.

Salientamos que esse “espírito missionário” a que aderiram os intelectuais espírito-santenses estava em pleno diálogo com o “espírito missionário” dos intelectuais do cenário nacional. O local atrelado ao nacional foi um elemento peculiar para esta pesquisa, o que se justifica pelo fato de esses intelectuais, em nível nacional, produzirem discursos que incitavam o civismo e o patriotismo como fatores de representação de progresso e de regeneradores do povo. Seguindo esse movimento, o Espírito Santo abraçou a causa nacional, trazendo-a para perto de si, sendo os membros do IHGES os seus propagadores.

No Espírito Santo, para o cumprimento dessa missão civilizadora, os intelectuais do IHGES empenharam-se em exaltar os “heróis” que, sacrificando-se por uma causa cívica, seriam os “obreiros beneméritos”, dignos de receberem honras pelos serviços prestados à pátria.

Referências

ATHAYDE, Antônio. Sessão solene. **Revista do Instituto Histórico e Geographico do Espírito Santo (IHGES)**, Vitória:, ano II, n. II, jan./dez. 1922.

BARRETO, Carlos Xavier Paes. Discurso pronunciado na sessão de fundação do Instituto Histórico e Geographico do Espírito Santo, 12 de junho de 1916. **Revista do Instituto Histórico e Geographico do Espírito Santo**, Vitória:, ano I, n. I, 1917.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. **A escola e República e outros ensaios**. Bragança Paulista: EDUSP, 2003.

CATANI, Denice Bárbara; BASTOS, Maria Helena Câmara (Orgs.) **Educação em revista: a imprensa periódica e a história da educação**. São Paulo: Escrituras Editora, 2002.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa/Rio: DIFEL/Bertrand Brasil, 1990.

**Intelectuais, narrativas e representação:
a revista do Instituto Histórico Geográfico do Espírito Santo no período de (1916-1930).**

Ticiane Pivetta Costa

FONSECA, Thaís Nívia de Lima e. História da Educação e História Cultural. *In*: VEIGA, Cyntia Greive; FONSECA, Thaís Nívia de Lima e (Org.). **História e historiografia da educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p. x-x.

FONSECA, Thaís Nívia de Lima e. **História e ensino de história**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

FRAGA, Adolfo. D. Pedro II. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo**, Vitória: ano IV, n. IV, 1925a.

FRAGA, Adolfo. O Centenário da Independência. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo**, Vitória: Typographia Coelho, ano IV, n. IV, 1925b.

GOMES, Angela de Castro (Org.). **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

GOMES, Angela de Castro. Essa gente do Rio... os intelectuais cariocas e o modernismo. **Estudos Históricos**, vol. 6, n. 11, 1993.

HRUBY, Hugo. **Obreiros diligentes e zelosos auxiliando no preparo da grande obra: a História do Brasil no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1889- 1912)**. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

LEITE, Juçara Luzia. **Natureza, folclore e história: a obra de Maria Stella de Novaes e a Historiografia Espírito-Santense no Século XX**. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

LEITE, Juçara Luzia. Construção identitária e livro didático regional de história: uma prática geracional de escrita de si. *In*: OLIVEIRA, Margarida Dias de; STAMATTO, Maria Inês Sucupira (Orgs.). **O livro didático de história: políticas educacionais, pesquisa e ensino**. Natal: EDUFRN, 2007.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

NEVES, Getúlio Marcos Pereira. **Notícias do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo**. Vitória: Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, 2003.

OLIVEIRA, Adolpho Fernandes Ribeiro de. Acta da 4ª reunião a 17 de maio de 1917: Soneto do Patriota. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo**, Vitória: Artes Graphicas de Victoria, ano I, n. I, 1917.

**Intelectuais, narrativas e representação:
a revista do Instituto Histórico Geográfico do Espírito Santo no período de (1916-1930).**

Ticiane Pivetta Costa

PANIZZOLO, C. História intelectual e história da educação: questões teórico-metodológicas de pesquisa. **Quaestio** - Revista de Estudos em Educação, v. 18, n. 3, 25 nov. 2016.

PÉCAUT, Daniel. **Os intelectuais e a política no Brasil: entre o povo e a nação**. São Paulo: Ática, 1990.

PEREIRA, Amancio. Culto Publico: Reliquia Preciosa. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo**, Vitória: Artes Graphics de Victoria, ano I, n. I, 1917.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e história cultural**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

ROSTOLDO, Jadir Peçanha. **Vida Capichaba: o retrato de uma sociedade – 1930**. Vitória: IHGES, 2007.

VEIGA, Cynthia Greive; FONSECA, Thaís Nívea de Lima e. **História e historiografia da educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.